



## ESCOLARIZAR A INFÂNCIA? O “JARDIM DE INFÂNCIA” NA ÁREA RURAL DE NOVO HAMBURGO/RS - 1942<sup>1</sup>

EDUCATING INFANCY? THE "KINDERGARTEN" IN RURAL OF NOVO HAMBURGO/RS – 1942

LA EDUCACIÓN DE LA PRIMERA INFANCIA? EL "JARDÍN DE INFANTES" EN ZONA RURAL DE NOVO HAMBURGO/RS – 1942

José Edimar souzar<sup>2</sup>  
Caroline Machado Cortelini<sup>3</sup>

**RESUMO:** Objetivo é reconstruir o processo de institucionalização do primeiro Jardim de Infância de Lomba Grande, bairro rural do município de Novo Hamburgo/RS, implantando em 1942, como um anexo do Grupo Escolar. A pesquisa, de natureza qualitativa, utiliza de documentos (orais e escritos) sob o referencial teórico da História Cultural. A análise enfatiza a dimensão de memórias sobre as práticas desenvolvidas por sua primeira professora, bem como sobre os primeiros tempos do Grupo Escolar. Destaca-se no conjunto de análise a presença de um jardim de infância em contexto rural, cujas práticas da professora não se diferenciavam muito das metodologias usuais deste período e assinalaram-se pela influência da corrente pedagógica da época impregnada pelo nacionalismo e o sentido vocacional.

**Palavras-chave:** Memória. Ensino Rural. Jardim de Infância.

**ABSTRACT:** Objective is to reconstruct the process of institutionalization of the first Kindergarten Lomba Grande, rural neighborhood in the city of Novo Hamburgo/RS, deploying in 1942, as an attachment to the School. The research was qualitative, using document (oral and written) in the theoretical framework of Cultural History. The analysis emphasizes the dimension of memories about the practices developed by his first teacher, as well as on the early days of the primary school. Stands out in the whole analysis the presence of a kindergarten in a rural context, the teacher whose practices did not differ much from the usual methodologies and signaled this period by the influence of the current teaching of the season steeped in nationalism and sense of vocation.

**Key Words:** Memory. Rural Education. Kindergarten.

---

<sup>1</sup> Uma primeira versão deste texto foi apresentada no XXXXXX Simpósio Nacional de Educação; XXXXXXXX Semana de Pedagogia: XXXXXX, realizado em XXXX/PR, entre 09 a 12 de outubro de 2012.

<sup>2</sup> Graduado em História, Mestre e Doutorando em Educação na XXXXXX. Bolsista CAPES/PROEX. Integra o grupo de pesquisa XXXXXXXXXX. (XXXXXX). E-mail: XXXXXXXXXcom.

<sup>3</sup> Graduada em Pedagogia e Mestre em Educação pela XXXX. Doutoranda em Educação na XXXXXXXX. Professora assistente na XXXXXX. E-mail: XXXXXXXXXcom



## RESUMEN

Objetivo es reconstruir el proceso de institucionalización de la primera Kindergarten Lomba Grande, zona rural en la ciudad de Novo Hamburgo / RS, el despliegue en 1942, como un anexo a la Escuela. La investigación fue de tipo cualitativo, utilizando el documento (oral y escrito) en el marco teórico de la Historia Cultural. El análisis pone de relieve la dimensión de la memoria sobre las prácticas desarrolladas por su primer maestro, así como en los primeros días de la escuela primaria. Destaca en todo el análisis de la presencia de un jardín de infancia en un contexto rural, el profesor, cuyas prácticas no difieren mucho de las metodologías habituales y señaló este período por la influencia de la enseñanza actual de la temporada llena de nacionalismo y el sentido de la vocación.

**Palabras clave:** Memoria. Educación Rural. Kindergarten.

## Introdução

O presente estudo apresenta notas de investigação que caracterizam a implantação do Jardim da Infância em uma comunidade rural, na década de 1940. A modalidade de ensino para a infância, especialmente em Novo Hamburgo, associa-se a reorganização da escola primária. Com o advento da república no Brasil e especialmente até a década de 1930, o aparecimento dos Grupos Escolares contribui para que se constitua um espaço de aprendizagem, materializado no Jardim de Infância, para as crianças em idade inferior aos sete anos, como argumentam, por exemplo, Bencostta (2005) Teive e Dallabrida (2011).

A pesquisa pauta-se pela abordagem da História Cultural aquela associada à corrente francesa dos Annales, apresentando-se como uma possibilidade para se pensar a ciência histórica, considerando a cultura como “[...] um conjunto de significados partilhados e construídos pelos homens para explicar o mundo”. (PESAVENTO, 2004, p.15). Quanto à metodologia, configura-se como um estudo de análise de documentos, valendo-se dos estudos de Pimental (2001) e Bacellar (2011).

O documento só existe, a partir da intervenção do historiador. O procedimento metodológico aplicado pelo pesquisador consiste na “desdocumentalização”, ou seja, é o exercício de imaginar a cultura material reinserida em seu contexto, funcionando como coisa socialmente viva, para que se possa explicar seu papel histórico e suas interações com os homens. (MENESES, 1983). Essa inversão metodológica, que permite ir do documento descontextualizado ao objeto em seu contexto aplica-se a qualquer suporte de informação, material ou textual, oral ou icnográfico, embora nem sempre isso fique claro no trabalho historiográfico. (REDE, 2012).



Ao utilizarmos fragmentos de memórias, que transcritas e “organizadas de outra maneira”, Certeau (2011), o fazemos como documento também escrito e passivo às necessárias críticas e reflexões quanto ao modo que dele se apropria o pesquisador; m documento nunca é imparcial. As perguntas que emergem, a partir da seleção realizada pelo investigador, permitem identificar categorias de análise, indispensáveis para se recompor os espaços e tempos das memórias que se busca reconstruir.

A memória é entendida como uma construção social e coletiva, e nessa memória o indivíduo tem uma posição individual dos fatos vividos, mas, ela se dá pela interação entre os membros da comunidade e as experiências vivenciadas entre eles. (HALBWACHS, 2006). História e Memória são representações narrativas que propõem uma reconstrução do passado e que se poderia chamar de registro de uma ausência no tempo. (PESAVENTO, 2004). Deve-se reconhecer que ao rememorar um fato vivido, o sujeito que lembra também realiza uma seleção, recorta e evidencia aquilo que significativamente marcou em sua trajetória e nas relações sociais que estabeleceu.

### **O contexto investigado e o Jardim de Infância**

A história é uma reconstrução sempre incompleta do passado. Ao contrário da memória, a história busca uma representação crítica do passado, o que não elimina, porém, o perigo de o historiador incauto apenas restaurar memórias. A história, como operação intelectual interpretativa, critica as fontes e se reconstrói a luz de uma teoria. (MOTTA, 2012). Desse modo, utilizamos fragmentos de memória da professora Maria Gersy Höher Thiesen para recompor os primeiros tempos de instalação da instituição escolar: Jardim de Infância em Lomba Grande.

A instituição escolar produz um saber específico cujos efeitos se estendem sobre a sociedade e a cultura, fazendo emergir uma anatomia de fluxo e funcionamento institucional. (VIDAL, 2005). Um modo de agir, de pensar e de referir-se a uma cultura institucionalizada, que se evidencia nas práticas desempenhadas pelo conjunto de atitudes que envolvem os sujeitos e os objetos que constituem uma trajetória. Estas práticas representam o “[...] conjunto de aspectos institucionalizados [...]”, que se destacam pelas “[...] conductas, modos de vida, hábitos y ritos [...]”, pela invenção de formas e jeitos de fazer, diante das novas tecnologias e dos “[...] objetos materiales – función, uso, distribución en espacio, materialidad física, simbología, introdución, transformación, desaparición... – modos de pensar, así como significados e ideas compartidas”. (VIÑAO FRAGO, 1995, p. 68-69). Elementos que configuram um cotidiano de práticas e cultura inerente as trajetórias históricas institucionais.



A história das instituições, ou seja, das instituições escolares como lugar construído, que é possível de ser recomposto pelos seus significados e representações carregam consigo uma determinada interpretação. E demarcar esse espaço instituído, “[...] mais ou menos poroso, no qual a análise de sua construção, enquanto lugar, só é possível a partir da consideração histórica [...]” (VIÑAO FRAGO; ESCOLANO, 2001, p. 81); que se constitui em uma possibilidade interpretativa de dimensão simbólica desses espaços e tempos.

Em Lomba Grande, na década de 1940, além da reorganização do espaço das aulas isoladas, que foram reunidas e posteriormente constituíram o Grupo Escolar de Lomba Grande<sup>4</sup>, também se constituirá um espaço para atender as crianças em idade pré-escolar. A história da escola em Novo Hamburgo está imersa no contexto da colônia alemã de São Leopoldo. Caracteriza-se como município colonizado principalmente por imigrantes alemães e com a evidência da escola comunitária<sup>5</sup>, ainda no século XIX.

Até a década de 1930, no Rio Grande do Sul havia pouco investimento do Estado na educação, e de modo geral, na educação do campo, o que possibilitou a construção de uma identidade específica de valor étnico, cultural e agrícola nas diferentes comunidades rurais. As políticas educacionais atinham-se nos estudos iniciais, bastando, portanto, ensinar a língua portuguesa, aritmética e uma doutrina cristã. Contudo, o paradigma republicano promoveu uma reestruturação do Estado que buscava na escolarização uma possibilidade alternativa para acompanhar as transformações que vivia o país nessa época, o que se intensificou entre as décadas de 1930 a 1940. (GHIRARDELLI JUNIOR, 2009).

A partir da década de 1930 inicia um período de maior valorização da educação da criança pequena, por parte de diversos segmentos da sociedade, a esse respeito destaca Kuhlmann Jr (2000) que o Manifesto dos Pioneiros da Escola Nova, de 1932, fazia referência à educação das crianças em idade pré-escolar. Na década de 1940 prosperaram iniciativas governamentais na área da saúde, previdência e assistência, de modo que: “O higienismo, a filantropia e a puericultura dominaram, na época, a perspectiva de educação das crianças pequenas” (OLIVEIRA, 2002, p.100). Nesse contexto, gradativamente creches e jardins de infância passam a ganhar relevância, como uma medida sanitária destinada a educar corpos e mentes infantis e suas famílias.

Bastos (2011) e Kuhlmann Jr (2004) acentuam que os jardins de infância criados no Brasil tiveram a influência pedagógica de Freidriech Froebel e Marie Pape-Carpentier, que, no entanto, foram adaptados às características das crianças brasileiras. Bastos (2011) destaca, em seu estudo

---

<sup>4</sup> Ver mais detalhes sobre esse momento de transição em AUTOR (2012). Sobre as Aulas isoladas em Lomba Grande ver AUTOR e ZZZZ (2012).

<sup>5</sup> Mais detalhes sobre as escolas paroquiais e comunitárias, tanto católicas como evangélicas, conferir os estudos de Kreutz (2009), por exemplo.



sobre o Jardim de Infância do Colégio Menezes Vieira, que a influência froebeliana era visível no uso dos dons e cânticos e a influência de Pape-Carpentier através do estudo de noções de gramática, história sagrada, história e geografia e o método de Lição de Coisas.

No que diz respeito à educação das crianças menores de sete anos Kuhlmann Jr. (2005) destaca que no Brasil as instituições voltadas a essa faixa etária foram efetivamente implantadas no século XX. Porém, no século XIX ocorreram de modo isolado a criação das primeiras instituições de atendimento à infância, jardins de infância e creches. Até 1970 ocorreu um lento processo de expansão dessas instituições, contudo, apenas no final do século houve um movimento de expansão da Educação Infantil. Esse processo caracterizou-se por manter por longo tempo o atendimento voltado à criança de 4 a 6 anos vinculado aos sistemas de educação e o atendimento voltado à criança de 0 a 3 vinculado aos órgãos de saúde e assistência.

Kuhlmann Jr (2000) destaca que em Porto Alegre, na década de 1940, há a criação dos jardins-de-infância, inspirados em Froebel e localizados em praças públicas, para atendimento de crianças de 4 a 6 anos, em meio turno. Essas instituições ficaram conhecidas em Porto Alegre como jardins de praça. Por esses dados pode-se depreender que houve no período uma difusão dos jardins de infância no Rio Grande do Sul.

Em Novo Hamburgo, os estudos da professora Beatriz Fischer (2005), têm identificado os primeiros tempos do processo de institucionalização da educação para educação infantil. Fischer (2006) argumenta que a primeira classe de atendimento às crianças menores de sete anos foi instituída, na década de 1940 no Grupo Escolar Dom Pedro II, instituição que foi também o primeiro grupo escolar da cidade. A autora assinala que:

Há referência no periódico pioneiro do município, jornal denominado *O 5 de abril*, permitindo saber que foi neste estabelecimento que se instituiu, na rede pública estadual, a primeira classe de atendimento à criança menor de sete anos, quando a legislação atribuía escolaridade obrigatória somente a partir desta idade (FISCHER, 2006, p. 6).

Não obtivemos até o momento mais dados que nos permitam saber quantas turmas de jardim de infância havia no município no período, contudo é significativo que na localidade rural também houvesse um jardim de infância. Porém, consultando os jornais locais entre 1930 a 1950, bem os decretos, leis e portarias do mesmo período, contata-se que em 1942 passou a funcionar



o Jardim da Infância do Colégio São Luiz<sup>6</sup> (da comunidade católica, sob os cuidados das Irmãs de Santa Catarina) e o Jardim de Infância municipal<sup>7</sup>.

Em Lomba Grande, a história da educação se relaciona à sensibilidade da comunidade e das famílias que cediam compartimentos em suas residências para que fossem ministradas Aulas. O professor, em alguns casos, também era oriundo da sua comunidade, que apesar da instrução mínima, na ausência de um mestre graduado (professor diplomado, dadas às dificuldades do meio físico), desempenhava a docência superando inclusive as dificuldades de falta de material didático, condicionando-se aos soldos provenientes das famílias.

Quanto ao jardim de infância, o único da Lomba Grande até a década de 1950 foi a turma regida pela professora Maria Gersy Höher Thiesen. O nome da escola foi escolhido em função de uma prática comum desta época, as classes recebiam denominações patronímicas – o Jardim da Infância chamava-se Dr. Getúlio Vargas. Foi instalado em 1942, anexo ao Grupo Escolar Madre Benícia.

O percurso de vida e profissional da professora “Gersy” se desenvolveu em Lomba Grande, distrito do município de São Leopoldo até 1940. Ela é filha do professor José Afonso Höher e da escritã Erna Olinda Höher. Iniciou sua trajetória docente como Auxiliar do 1º e 2º anos das Aulas Reunidas da Lomba Grande cuja docência era responsabilidade do professor José Afonso. A professora rememora, “[...] tinha uma lona que separava assim uma parte e eu ficava com os menores ali e o papai ali com os outros [...]”. (THIESEN, 2010). Como indica a referida professora, todas as séries funcionavam no mesmo prédio – o salão paroquial da comunidade São José- e o Jardim de Infância era um anexo destas Aulas Reunidas.

O grupo escolar de Lomba Grande, diferente do grupo escolar D. Pedro II, (localizado na área urbana) não tinha um prédio imponente. Instituído em 1942, como uma classe anexa do grupo, Maria Gersy é designada, através do Decreto Municipal nº 016/24 de 1942, para reger o Jardim de Infância.

Quanto as práticas desenvolvidas por esta professora, é preciso lembrar que elas são criadoras de “usos ou de representações” e encontram-se na construção de uma cultura (CHARTIER, 2002). A cultura local revelou uma forma de organização, uma forma possível para se reproduzir no campo as práticas do espaço urbano. As características de contexto relacionam-se profundamente com a estrutura social da década de 1940, especialmente do sentido e das

---

<sup>6</sup> Conforme Decreto nº. 16/24, de 15 de abril de 1942b.

<sup>7</sup> Ele também era chamado de Jardim da Infância da Escola São João, pois funcionava anexo à Escola São João, conforme Decreto nº. 16/21, de 8 de abril de 1942a e conforme Decreto n. 16/24 c, de 19 de abril de 1942 que o identifica como “Mário Totta”.



representações que definiam a docência como a superação de um sacrifício, da vocação como pressuposto para a escolha da profissão. (FISCHER, 2005).

Gersy recorda que dentre as suas práticas ela costumava levar os alunos para sentar no gramado ao lado da Igreja onde funcionava a escola. Ela sentava os alunos em círculo, permitia que eles brincassem com a terra e delegava tarefas aos mesmos. Esse exercício constituía-se na criação de uma rotina, com o ensinamento sobre o “cuidar” em todos os sentidos, o que revelou também a sua preocupação docente, na preservação da natureza, no aprendizado da convivência em grupo e do cuidado com o próximo.

Gersy também recordou um episódio com um aluno do Jardim da Infância, que não quis dizer o nome, chamou-o de “Joãozinho” referente à proibição do uso da língua alemã. “[...] estava desenhando no chão, porque eu levava eles [alunos] pro pátio pra eles desenharem, e tava sentado, todos, assim, em círculo [...] ele desenhava a suástica. Eu fiquei assustada! Perguntei o que era aquilo e ele respondeu em alemão: - Suástica.” A representação da criança de cinco anos no Jardim da Infância evidencia a presença das ideias germânicas que além dos trópicos circulavam na mentalidade da comunidade novo-hamburguesa.

Como recorda à época em que era professora no Jardim da Infância “[...] essas crianças vão ter que trabalhar, vão ter que ter amor à vida, aí fiz um canteirinho redondinho, daquelas cravilinas cheirosas, onde eles tinham que cuidar e isso fazia parte da aula, cuidar do jardimzinho”. Nessa prática, incluía-se buscar água, preparar a terra para o canteiro, separar as mudas de “cravilinas”, o plantio e a conservação desse espaço por todos os alunos.

Pode-se refletir aqui sobre quais seriam as inspirações teóricas que impregnaram a prática pedagógica dessa professora que parece denotar uma dimensão mais experiencial, vinculada a aprendizagem pela experiência. A propagação dos jardins de infância não ocorreu através da adoção de um único modelo, com a aplicação rígida de seus procedimentos originais, “[...] a filiação ao nome do fundador do jardim de infância não implicava a cristalização de seus métodos pedagógicos” (KUHLMANN JR, 2001, p. 19). Como se observa em Lomba Grande, Gersy construiu uma forma bastante singular, imprimindo seu jeito de ensinar e fazer, apropriado culturalmente a partir das suas experiências do tempo de aluna e também como professora do Grupo Escolar e do Jardim da Infância.

Sobre a perspectiva de aprendizagem presente na proposta de Froebel, Arce (2002) destaca que para ele a aprendizagem envolve dois processos, a exteriorização e a interiorização. O processo de interiorização é o recebimento de informações seguindo uma sequência “do simples ao composto, do concreto para o abstrato, do conhecido para o desconhecido. “A atividade e a reflexão são os instrumentos de mediação deste processo não diretivo, o que garante que os



conhecimentos brotem e sejam descobertos pela criança da forma mais natural possível” (ARCE, 2002, p.113-14). E o processo de exteriorização ocorre através do trabalho com coisas concretas, como a arte e o jogo.

Nesse processo cabe ao adulto satisfazer ou incentivar a curiosidade da criança, que é quem deve dar o primeiro passo em direção à aprendizagem, pois

um dos mais importantes princípios da pedagogia froebeliana é o da *auto-atividade livre*. A criança precisa ter uma mente ativa e livre para poder abrir as portas do conhecimento. Ela deve ser livre para explorar, escolher, questionar e agir. A aprendizagem deve sempre partir daquilo que a criança já conhece. Ouvir o conhecimento da criança é o principal requisito para o sucesso da educação (ARCE, 2002, p. 114).

A prática de ajardinamento presente na prática da professora Gersy pode nos indicar uma inspiração dada por elementos pertinentes à realidade rural, bem como pela proposta froebeliana e seus desdobramentos pedagógicos no Brasil, conforme destaca Bastos (2001) apoiada em Manacorda, “deve-se agir sobre a mente das crianças com elementos tirados da realidade e não com regras abstratas e se deve ensinar mais com a ajuda de objetos do que de palavras”. A jardineira, na concepção de Froebel, cabe “ouvir” as necessidades de cada planta e respeitar seu processo natural de desenvolvimento. Por isso: “Este recanto deveria ser entregue às mulheres, as quais, com coração de mãe, seriam as únicas capazes de cultivar nas criancinhas todos os seus talentos e todos os germes da perfeição humana unida a Deus” (ARCE, 2002, p. 116).

Rabelo (2011) apoiada em Froebel argumenta que dentre as características da professora do jardim de infância destaca-se a amorosidade, a delicadeza feminina, e por ser mulher, tem a função de preparar e semear bondade e solicitude no futuro homem de amanhã. Fischer (2005), em pesquisa sobre o magistério gaúcho na metade do Século XX, destaca que a imagem da professora primária, divulgada em impressos por ela pesquisados, era de quem ao seguir a profissão cumpria uma missão, abraçava um sacerdócio e assim o papel da mulher confundia-se com o da mestra.

### **Considerações finais**

A partir da trajetória de Gersy é possível refletirmos a respeito de como a educação rural se desenvolveu, impregnada pelas marcas do nacionalismo, do sacerdócio, pela importância atribuída à religião, aos elementos da cultura local. Esse aspecto transforma a singularidade de



sua narrativa em referência para pensarmos a educação, pois permite visualizarmos a influência que a corrente pedagógica desta época impregnada pelo nacionalismo e o sentido vocacional como característica de sua prática docente se faziam presentes aliados às marcas do rural.

Ainda destaca-se a criação de um jardim de infância, em uma comunidade rural, na década de 1940, considerando não ser muito comum nas áreas rurais a presença de turmas de educação infantil. E é significativo notar que as práticas construídas por esta professora não se diferenciavam muito das metodologias usuais do período.

E por fim, a constituição de Gersy como professora que se fez no contexto da prática é um elemento significativo que caracteriza a educação no Brasil, onde tantos outros homens e mulheres iniciaram na profissão e aprenderam o ofício fazendo-o, como afirma Saviani (2006), no Brasil, os professores ao ensinar, criam a si mesmos, criavam processos de escolarização para a infância.

## Referências

- ARCE, Alessandra. Lina, uma criança exemplar! Friedrich Froebel e a pedagogia dos jardins-de-infância. **Revista Brasileira de Educação**, Rio de Janeiro: Anped, nº 20, pp. 107-120, Maio/Jun/Jul/Ago, 2002.
- BACELLAR, Carlos. Fontes documentais. Uso e mau uso dos arquivos. In: PINSKY, Carla Bassanezi. (Org.). **Fontes históricas**. 3ª. ed. São Paulo: Contexto, 2011.
- BASTOS, Maria Helena Camara. **Manual para os jardins de infância**: Ligeira compilação pelo Dr. Menezes Vieira – 1882. Porto Alegre: Redes Editora, 2011.
- \_\_\_\_\_. Jardim de Crianças: O pioneirismo do Dr. Menezes Vieira. In: MONARCHA, Carlos (Org.). **Educação da Infância brasileira: 1875 – 1983**. Campinas: Autores Associados, 2001.
- BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. Arquitetura e espaço escolar: o exemplo dos primeiros grupos escolares de Curitiba (1903 – 1928). In: BENCOSTTA, Marcus Levy Albino. (Org.). **História da Educação, arquitetura e espaço escolar**. São Paulo: Cortez, 2005, p. 95-140.
- CERTAU, Michel de. **A Escrita da História**; trad. Maria de Lourdes Menezes; revisão técnica Arno Vogel. 3ª. ed. Rio de Janeiro: Forense, 2011.
- CHARTIER, Roger. **À beira da falésia**: a história entre incertezas e inquietude/ trad. RAMOS, Patrícia Chittoni, Porto Alegre: Ed. Universidade/UFRGS, 2002.
- FISCHER, Beatriz. T. D. Histórias e políticas de educação infantil no município de Novo Hamburgo ao longo dos tempos: alinhavos em papelão? In: VI Congresso Luso-Brasileiro de História da Educação, 2006, Uberlândia-MG. **Anais...**, v.1, 2006.



\_\_\_\_\_. **Professoras: Histórias e discursos de um passado presente.** Pelotas: Seiva Publicações, 2005.

GHIRARDELLI JUNIOR, Paulo. **História da Educação.** São Paulo: Cortez, 2009.

HALBWACHS, Maurice. **A Memória Coletiva.** São Paulo: Ed. Centauro, 2006.

KREUTZ, Lúcio. Escolas étnicas na história da educação brasileira: a contribuição dos imigrantes. In: STEPHANOU, Maria; BASTOS, Maria Helena Camara, (orgs.) **História e memórias da educação no Brasil**, vol. 2: século XIX. Petrópolis, RJ: Vozes, 2009, p. 150-165.

KULHMANN, JR., Moisés. A educação infantil no século XX. In: STEPHANOU, M. e BASTOS, Maria Helena Câmara. **Histórias e memórias da educação no Brasil.** Vol. III: Século XX. Petrópolis: Vozes, 2005.

\_\_\_\_\_. **Infância e Educação no Brasil** – uma abordagem histórica. São Paulo: Saraiva, 2004.

\_\_\_\_\_. O Jardim-de-Infância e a Educação das Crianças Pobres – Final do século XIX, início do século XX. In: MONARCHA, Carlos. (Org.). **Educação da Infância brasileira: 1875 – 1983.** Campinas: Autores Associados, 2001.

\_\_\_\_\_. Histórias da educação infantil brasileira. **Revista Brasileira de Educação.** Rio de Janeiro: Anped, nº 14, pp. 05-18, Maio/Ago, 2000.

MENESES, Ulpiano Bezerra de. A cultura material no estudo das sociedades antigas. **Revista de História**, n. 115, 1983, p. 103-117.

MOTTA, Márcia Maria Menendes. História, memória e tempo presente. In: CARDOSO, Ciro Flamarion.; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Novos domínios da história.** Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 21-54.

NOVO HAMBURGO. **Decreto N°16/21**, de 08 de abril de 1942. Instala Jardim de Infância anexo à Escola São João. Novo Hamburgo-RS, 1942a.

\_\_\_\_\_. **Decreto N°16/24**, de 15 de abril de 1942. Cria um Jardim da Infância anexo ao Colégio São Luiz. Novo Hamburgo-RS, 1942b.

\_\_\_\_\_. **Decreto N°16/24c**, de 19 de abril de 1942. Denomina o Jardim da Infância anexo à Escola São João como Jardim de Infância Dr. Mário Totta. Novo Hamburgo-RS, 1942c.

OLIVEIRA, Zilma Ramos de. **Educação Infantil: Fundamentos e Métodos.** São Paulo: Cortez, 2002.

PESAVENTO, Sandra Jathay. **História & História Cultural.** 2ª ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2004.

PIMENTEL, Alessandra. **O método da análise documental: seu uso numa pesquisa historiográfica.** Cadernos de Pesquisa, n. 114, p.179- 195, novembro, 2001. Disponível em:



[http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000300008&script=sci\\_arttext](http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S0100-15742001000300008&script=sci_arttext)> Acesso em: 21 jul. 2012.

RABELO, Giani. Memórias de um Jardim de Infância em uma vila operária. In: FISCHER, Beatriz. T. D. (Org.). **Tempos de Escola: Memórias**. São Leopoldo: Oikos; Brasília: Liber Livros, 2011.

REDE, Marcelo. História e cultura material. In: CARDOSO, Ciro Flamarion.; VAINFAS, Ronaldo. (Orgs.). **Novos domínios da história**. Rio de Janeiro: Elsevier, 2012, p. 131-150.

SAVIANI, Dermeval [et AL.]. **O legado educacional do século XX no Brasil**, 2ª ed. Campinas, SP: Autores Associados, 2006

AUTOR. Título. 2012.

AUTOR E GXXXX 2012.

TEIVE, Gladys Mary Ghizone; DALLABRIDA, Norberto. **A escola da república: os grupos escolares e a modernização do ensino primário em Santa Catarina (1911-1918)**. Campinas, SP: Mercado de Letras, 2011.

THIESEN, Maria Gercy Höher. **Entrevista oral sobre a trajetória de vida e docente em classes multisseriadas em Lomba Grande**. Novo Hamburgo, 23 de abril de 2010 e 13 de maio de 2010. Ex-professora e diretora de Escolas Municipais de Lomba Grande – Novo Hamburgo. Entrevista concedida a AUTOR.

VIDAL, Diana Gonçalves. **Culturas escolares: estudo sobre práticas de leitura e escrita na escola pública primária (Brasil e França, final do século XIX)**. Campinas, SP: Autores Associados, 2005.

VIÑAO FRAGO, Antônio. Historia de la educación y historia cultural. Posibilidades, problemas, cuestiones. **Revista Brasileira de Educação**. Set./Out./Nov./Dez./1995, n.0, p. 63-82.

\_\_\_\_\_.; ESCOLANO, Agustín. **Currículo, espaço e subjetividade: a arquitetura como programa**. Tradução Alfredo Veiga-Neto. 2ª. ed. Rio de Janeiro: DP&A, 2001.